

A Noiva do Céu (Ap. 21 e 22)

Rev. Kenneth L. Gentry, Jr.

João agora chega à sua conclusão – e que gloriosa conclusão! Como o leitor pode presumir agora, o preterista entende essa passagem de forma bem diferente do futurista e nesse ponto está mais próximo ao do idealista. No capítulo 21, João testemunha a noiva de Cristo, adornada gloriosamente, descendo dos céus para uma nova criação: “Então vi novos céus e a nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido” (21.1,2).

A noiva identificada

Entender essa passagem requer analisar a nova imagem da nova criação/nova Jerusalém à luz das Escrituras anteriores. Uma vez que façamos isso, veremos que a nova criação começa no século I.

1) A época de João requer um contexto do século I. A descrição da nova criação e da nova Jerusalém, cidade-noiva, se desdobra de Apocalipse 21.1 a 22.5. Logo a seguir, lemos: “O anjo me disse: ‘Estas palavras são dignas de confiança e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que *em breve hão de acontecer*’” (22.6; grifo do autor). E para se ter um bom parâmetro, quatro versículos à frente João acrescenta: “Então me disse: ‘Não sele as palavras da profecia deste livro, pois *o tempo está próximo*’” (22.10; grifo do autor). Um retardamento de milhares de anos anularia a sã exegese dessas claras declarações temporais.

2) A seqüência do Apocalipse supõe um estabelecimento no século I. Como observa Robert Thomas, há uma “antítese principal entre as duas mulheres nos capítulos finais do Apocalipse”.¹ Minha compreensão dessa antítese é que a nova Jerusalém está substituindo a antiga Jerusalém. A vinda da Nova Jerusalém dos céus (caps. 21 e 22) deveria, logicamente, seguir a destruição da antiga Jerusalém na terra (Ap. 6–11, 14–19), em vez de milhares de anos de espera.

Lembrem-se, as cenas de julgamento do Apocalipse focalizam principalmente Israel, a esposa de Deus do AT. Deus a está julgando por rejeitar seu Messias (Ap. 1.7; 5.1ss; 11.8; v. Mt. 23.37– 24.2; Jo. 19.12-16; Gl.

¹ Revelation 8 – 22, p. 569.

4.25-31) e por perseguir seus seguidores (Ap. 6.10-12; 16.6; 17.6; 18.24; v. Mt. 23.34-36; 1Ts. 2.14-16). Isto é, ela está sendo castigada por cometer adultério espiritual. O anjo fala a João que ela embriaga os habitantes da terra “com o vinho da sua prostituição” (Ap. 17.2) que inclui o ser “embriagada com o sangue dos santos” (17.6). Depois que Deus anuncia o seu decreto de divórcio (cap. 5), ele condena a prostituição de Jerusalém com pena de morte (caps. 6–11; 14–18) e é o anfitrião do banquete do casamento real (19.7-20); logo após, a nova Jerusalém aparecer “preparada como uma noiva adornada para o seu marido” (21.2).

3) A linguagem da nova criação sugere um ambiente do século I. A nova criação começa o curso na história antes da consumação final (que estabelecerá uma completa e nova ordem física, 2Pe. 3.10-13). A passagem da nova criação exemplar, que seve como pano de fundo de João, é Isaías 65.17,20:

Pois vejam! Criarei

novos céus e nova terra,

e as coisas passadas não serão lembradas.

Jamais virão à mente [...]

Nunca mais haverá nela

uma criança que viva poucos dias,

e um idoso que não complete os seus anos de idade;

quem morrer aos cem anos

ainda será jovem,

e quem não chegara aos cem será maldito.

Aqui Isaías escreve claramente que essa nova criação ainda experimenta pecado, o envelhecimento, e a morte. Assim, não pode recorrer ao céu ou à nova criação, consumada e eterna. Paulo usa linguagem semelhante à de João (Ap. 21.1) quando descreve a nova condição do cristão em Cristo: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2Co. 5.17; v. Ef. 2.10; 4.24; Gl. 6.15).

4) A teologia do NT sustenta um panorama do século I. No NT, a igreja aparece como a noiva de Cristo (Ef. 5.25-28; 2Co. 11.2; v. Jo. 3.29). Essa nova noiva (a igreja internacional) deve substituir a antiga esposa (a igreja alicerçada em um povo, Israel). Essa mudança é finalizada dramaticamente em

70 d.C., quando Deus removeu o templo físico da terra. João retrata a finalidade do julgamento de Israel até mesmo como o banquete do casamento (Ap. 19.9).

O NT antecipa essa mudança iminente da era do templo tipológico para a nova era final de adoração espiritual:

Jesus declarou: “Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém [...] No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura” (João 4.21,23).

A experiência do Pentecostes em Atos 2 se antecipa ao dia da próxima vinda do Senhor contra Jerusalém por crucificar Cristo (At. 2.16-23, 36-40).² Veja a expectativa em Mateus 23.36-24.3,34; 26.64; Marcos 9.1; João 4.20-24; Romanos 13.11,12; 16.20; 1 Coríntios 7.26,29-31; Colossenses 3.6; 1 Tessalonicenses 2.16; Hebreus 2.5; 10.25,37; 12.18-29; Tiago 5.8,9; 1 Pedro 4.5,7; e 1 João 2.17,18.

A noiva descrita

Mas que dizer de todas as expressões majestosas em Apocalipse 21 e 22? O preterista acredita que João está expressando, por meio de uma imagem poética elevada, a glória da salvação. Nisso divergimos dos intérpretes que se esforçam em favor do literalismo. Robert Thomas, por exemplo, escreve da cidade de 1.500 milhas cúbicas (21.16): “Um tanto incrível à mente humana [...] uma cidade de 2.200 quilômetros de altura e 2.200 quilômetros de cada lado é tão inimaginável como uma pérola grande o bastante para servir como o portão da cidade ou o ouro tão transparente como o vidro”.³ (Deveríamos observar isso na exegese literalista, essa cidade é 1.920 quilômetros mais alta do que as órbitas do ônibus espacial!) Novamente, as restrições de espaço permitem somente uma pesquisa breve sobre o assunto.

A ausência do mar (21.1) fala de harmonia e de paz nesse contexto. Nas Escrituras, o mar simboliza, com frequência, discórdia e pecado (13.1,2; v. Is. 8.7,8; 23.10; 57.20; Jr. 6.23; 46.7; Ez. 9.10). O cristianismo oferece o oposto: paz com Deus e entre os homens (Lc. 2.14; Rm. 5.1; Ef. 2.12-18; Fp. 4.7,9).

A igreja-nova é o templo-tabernáculo de Deus (Ap. 21.3) porque Deus mora nela; não há necessidade de nenhum templo literal (21.22; v. Ef. 2.19-22; 1Co. 3.16; 6.19; 2Co. 6.16; 1Pe. 2.5,9). A antiga Jerusalém com seu tabernáculo/templo “feito por homens” (Hb. 9.24) está chegando ao seu fim,

² A presença de línguas estrangeiras em Israel evidencia o julgamento de Deus (Dt. 28.49; Is. 28.11; Jr. 5.15; 1Co. 14.21,22). Assim, a experiência de línguas do Novo Testamento serve como um sinal para a ira de Deus sobre ela.

³ *Revelation 8 – 22*, p. 467.

enquanto o novo templo de Jerusalém o substitui (Hb. 8.13; 9.11,24; 12.18-28). Isto finalizou em 70 d.C.

Hebreus 12 é uma passagem importante para mostrar a mudança de eras (que é a mensagem da carta inteira). O autor está escrevendo aos cristãos judeus que estavam correndo o risco de apostatar, abandonando a Cristo para retornar ao judaísmo. Conforme se aproxima de sua conclusão, ele compara dos dois mundos: o do judaísmo (12.18-20) e do cristianismo (12.22-28). Sua descrição do cristianismo tem pontos de contato com João, em Apocalipse:

Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus. Vocês chegaram a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados, a Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue aspergido, que fala melhor do que o sangue de Abel [...] Portanto, já que estamos recebendo um Reino inabalável, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor (Hb. 12.22-24,28).

Apocalipse 21.1-8 informa que essa nova salvação da criação remove as aflições (v. 4; v. 1Co. 15.55-58; 1Ts. 4.13; Tg. 1.2-4), pois introduz o indivíduo na família de Deus (Ap. 21.7; v. Jo. 1.12,13; 1Jo. 3.1-3), e traz vida eterna (Ap. 21.6).

Apocalipse 21.9–22.5 fala da majestade da noiva, a igreja. Ela resplandece brilhantemente como a luz (21.10,11; v. Mt. 5.14-16; At. 13.47; Rm. 13.12; 2Co. 6.14; Ef. 5.8-14). Ela é preciosa a Deus e tão cara quanto o ouro e jóias (Ap. 21.11, 18-21; v. 1Co. 3.12; 1Pe. 1.7; 2.4-7). Ela tem um alicerce seguro e paredes inconquistáveis (Ap. 21.12-21; v. Is. 26.1; 60.18; Mt. 16.18; At. 4.11; 1Co. 3.10-15; Ef. 2.19,20). Assim, ela é destinada para ter uma poderosa influência no mundo (Ap. 21.16; v. Is. 2.2-5; Ez. 17.22-24; 47.1-11; Dn. 2.31-35; Mq. 4.1; Mt. 13.31,32; 28.18-20; Jo. 3.17; 1Co. 15.20-28; 2Co. 5.19). Ela é cuidada pela provisão de Deus com a água da vida (Ap. 21.22; 22.1-5; v. Jo. 4.14; 7.37,38; 6.32-35). Assim, ela traz cura às nações pela sua presença (Ap. 22.2,3; v. Is. 53.5; Ez. 47.1-12; Mt. 13.33; Lc. 4.18; Jo. 4.14; Gl. 3.10-13; Hb. 5.12-14; 1Pe. 2.2,24).

Fonte: *Apocalipse*, C. Marvin Pate (organizador), Editora Vida, p. 90-94.⁴

⁴ Compre esse excelente livro aqui:

<http://www.edificai.com.br/detalhe.asp?Codigo=483&from=Monergismo>.